

*Reflexões sobre a arte-  
educação: Encontro  
com a docência e  
percepções sobre a  
estrutura escolar.*

*Ana Carolina Castello Branco Spada*

Este trabalho expõe reflexões que percorrem desde as observações até a prática docente realizada em uma escola da rede pública de ensino em Florianópolis. Os dados apresentados e a consolidação do projeto resultam de pesquisa e experiência pedagógica em Artes Visuais pela participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID (CAPES) – Artes Visuais, iniciado em 2012, sob a coordenação da Profa. Dra. Jociete Lampert, da Universidade do Estado de Santa Catarina. É de extrema relevância investigar a estrutura em que se desenvolve o ensino de Artes Visuais e as formas de combater o ensino conservador que, há muito tempo, não produz resultados eficazes, tampouco propicia uma transformação social a partir do sujeito crítico e criativo.

**Palavras-chave:** Arte-educação, Docência, Investigação.

## *Introdução*

“Essa turma é bem problemática”, foi a primeira indicação que recebi logo após observar alunos de uma sétima série de uma escola pública da rede pública de ensino em Florianópolis, SC. Nessa primeira observação presenciei 80% de uma turma de 32 alunos gritando, em quase sincronia, para resolver variados conflitos uns com os outros e uma professora com semblante cansado dando atenção aos “interessados” que, individualmente, realizavam as atividades propostas com pouco ou nenhum envolvimento. Não havia troca, tampouco diálogo; haviam pedidos de silêncio e participação que, obviamente, não eram atendidos pelos alunos.

Logo nos primeiros contatos com a escola, percebi que “problemática” não era aquela turma e, sim, toda a estrutura que a cercava. O espaço físico precário, os professores cansados e insatisfeitos, a diretoria e a supervisão distanciadas, os pais e as mães ausentes e os pré-adolescentes cheios de energia, porém submetidos a um espaço que sufocava ao invés de expandir. Na escola o pouco material disponível (giz, lápis de cor, papel sulfite, etc.) era limitado. Tintas, pincéis e papéis apropriados para pintura não havia. As aulas de Artes Visuais eram movidas à base de “desenhos livres” e seus derivados, sem planejamento nem mesmo continuidade, resultando em alunos com

pouca ou quase nenhuma orientação artística até então.

Desde o início, percebi que era preciso pensar estrategicamente e ter em mãos uma proposta que provocasse interesse e curiosidade naqueles alunos habituados a rejeitar aulas e professores. Freire (1996, p. 26) afirma que “o educador democrático não pode negar-se o dever de, em sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Seguindo esse pensamento, resolvi – em conjunto com um colega – criar um projeto que trouxesse a pintura de uma forma totalmente nova para aquele contexto, próxima ao interesse dos alunos. Algo que pudesse proporcionar novas possibilidades para eles e, conseqüentemente, para nós.

A ideia do projeto era apresentar a técnica, alguns artistas da área e buscar materiais alternativos para as experiências, passando por todos os processos necessários: ideia, roteiro, criação de personagens, esboços, técnica de stopmotion, técnicas de pintura e, por fim, criaríamos um curta-animado coletivo<sup>9</sup>.

## ***Relato da experiência no PIBID***

**N**a primeira aula chegamos à escola quarenta minutos antes do horário. Levamos datashow, notebook, caixas de som e as animações que apresentaríamos – entre elas um experimento nosso, concebido em um dos encontros realizados para estruturar os planos de aula. Chegamos à sala de artes para preparar o espaço: vedamos com papéis as janelas – que não tinham cortinas suficientes para evitar a passagem da luz; ligamos o único ventilador (e que direcionava o vento para apenas uma direção), organizamos as cadeiras, afastamos as mesas e modificamos o espaço com o objetivo de proporcionar uma estrutura que nos auxiliasse a demonstrar aos alunos novas formas de vivenciar aqueles encontros.

A recepção foi positiva: nós nos apresentamos, expusemos o projeto e declaramos que, a partir daquele momento, seríamos um grupo de criação e, assim, demos um primeiro passo para ressignificar a relação entre alunos e professores. A turma estava bastante agitada

---

<sup>9</sup> Alexander Petrov, animador russo, é atualmente o nome mais forte dentro da técnica de animação com pintura experimentada, inicialmente, em 1940 pelo artista alemão Oskar Fischinger. Reconhecido pelos trabalhos “O Velho e o Mar” de 1999, uma adaptação do livro do escritor norte-americano Ernest Hemingway; e “Meu Amor” de 2006, baseado na obra do escritor russo Ivan Shmelyov. Petrov trabalha com tinta a óleo, pinta com os dedos – utilizando pincéis apenas para alguns detalhes – sobre uma folha de vidro e fotografa quadro a quadro até completar a animação.

porque era sexta-feira, nas duas últimas aulas e fazia muito calor. Eles tinham acabado de voltar do recreio e, antes disso, tiveram aula de educação física; logo, estávamos conscientes de que em todos os encontros presenciaríamos pré-adolescentes superaquecidos.

Um projeto aparentemente complexo transformou-se em algo extremamente tranquilo diante da realidade (estrutura) da escola e seu funcionamento. Enquanto lidávamos bem com os desafios da turma e expandíamos o trabalho dentro das propostas de cada planejamento, começamos a notar que os conflitos gerados e que, muitas vezes, impediam a continuação momentânea ou total das atividades, tinham relação direta com as dificuldades administrativas da escola: a precariedade do espaço, a ausência de acompanhamento familiar e a falta de diálogo entre educadores e educandos.

A sala que utilizamos na primeira aula era quente demais. Resolvemos, então, utilizar o espaço da “sala comum” que tinha janelas maiores e um ventilador que fazia o ar circular. Era abril de 2013, a sala pegava sol a tarde inteira e as cortinas não impediam a passagem da luz. Reclamações de calor eram constantes e os alunos queriam sair com frequência para tomar água, ir ao banheiro, resolver questões com a escola, ou qualquer outra justificativa para que pudessem simplesmente se mexer, respirar, sair daquele espaço que não lhes era atrativo e tampouco acolhedor.

A administração da escola condenava o excesso de saída dos alunos no horário de aula e isso nos fazia ter de contornar inúmeras revoltas em sala de aula. As meninas não podiam usar shorts e não entendiam os motivos, tampouco aceitavam e seguiam essa orientação – o que também gerava confrontos semanais entre elas e os coordenadores pedagógicos. Interrupções por parte da supervisão ou direção para resolver conflitos com os alunos eram frequentes, alunos de outras turmas, pais, mães, transferências, desistências, faltas excessivas, comunicação entre professores, funcionários, alunos, famílias estavam presentes e, muitas vezes, ocupavam o nosso tempo de aula. Estávamos diante da dificuldade de propor aulas novas num sistema antigo, fechado às novas metodologias – espaços esquecidos pela administração pública, nos quais alunos e funcionários sofrem, diariamente, as consequências desse abandono e, por consequência, são privados da troca e expansão coletiva e individual. Franz nos diz que:

A função da escola não é só transmitir conteúdos, mas também facilitar a construção de subjetividades para que crianças e adolescentes que se socorrem nela, de maneira que tenham estratégias e recursos para interpretar o mundo no qual vivem [...]. Nesta escola prevalece a ideia do docente investigador, que olha para as necessidades e interesses do aluno (FRANZ, 2003, p. 16).

Seguindo este pensamento, começamos a investigar as necessidades daqueles alunos e fomos modificando algumas aulas, para que elas passassem a fazer mais sentido, ainda que dentro daquele contexto. Percebíamos que os alunos precisavam, de alguma forma, expressar todo aquele sufoco e descobrir que a relação de combate entre eles e os professores pode cessar, visto que este não é – apesar de historicamente se repetir – o objetivo desses encontros.

Estávamos no início do processo de criação do roteiro de animação, propondo jogos de escrita coletivos e individuais, e esboços para buscarmos temas de interesse. Personagens bonitos e fortes, astros de futebol ricos e bem-sucedidos, fadas encantadas, lutadores diversos, armas, carros e situações relacionadas a jogos de videogame eram os temas frequentes. Nem todos os alunos realizavam as atividades e as aulas eram bastante tumultuadas, principalmente, pelas interferências extraclases. Freire (1999, p. 39) diz que “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Seguindo este pensamento, como estávamos em constante reflexão ao final de cada atuação, analisando resultados e planejando novas direções, fomos coletando dados e verificando novas possibilidades e propostas.

Refletindo nossa prática e o relacionamento com os alunos, resolvemos proporcionar um espaço para que pudéssemos expor nossas aflições sobre tudo o que compunha aquele contexto o qual, apesar de já estar bastante internalizado, gerava ações e reações negativas que eram abstraídas até renascerem no dia seguinte. Portanto, intuímos que discutir sobre alguns pontos – em vez de dar continuidade à indiferença – poderia ser um bom caminho. Antes de propor a atividade, falamos das nossas preocupações e percepções sobre o que estava à nossa volta (escola e fora dela) e fomos ouvidos atentamente. Em seguida, solicitamos que, individualmente, cada aluno expressasse com texto, desenho ou pintura algo que estivesse

latente em seu interior, em relação à conjuntura da qual fazem parte. Todos os alunos presentes em aula fizeram a atividade em total – e inédita – concentração. Existiu diálogo, troca, e foi notável que naquele momento houve interesse. O que os conectou foi essa possibilidade do espaço para que pudessem pensar no que realmente sentiam, ou seja, se expressar de fato e não somente reproduzir as “mesmices” convenientes, seguidas de práticas vazias de reflexão e sentido. Naquele momento, os alunos se permitiram experimentar a arte como caminho para expandir, comunicar, provocar a partir de pontos relevantes que envolvem suas realidades dentro e fora da escola.

Figura 1: Marcos, 13 anos (Maio de 2013)



Fonte: Arquivo da autora

Desigualdade social, racismo, transporte público, abuso de poder, questões de gênero e insatisfações com o espaço escolar foram os temas que surgiram. A partir desse momento, outra relação entre alunos e professor aconteceu. Pudemos nos aproximar da realidade íntima e das percepções de mundo daquelas pessoas.

Aquela turma que havia sido apontada, inúmeras vezes, como uma turma difícil, demonstrou, com uma intensidade criativa fascinante, que entre aquelas brigas todas – os conflitos com a escola e seus conflitos individuais – existe um universo que tem muito a nos oferecer.

Figura 2: Cecília, 13 anos (Maio de 2013)



Fonte: Arquivo da autora

## Reflexões e considerações

O processo durante o ano de 2013 foi intenso e cheio de adaptações. Apesar de termos alcançado resultados positivos durante a trajetória, por uma série de razões, não conseguimos finalizar o projeto com o objeto “animação” concluído. Dentre elas: o calendário escolar, a falta de estrutura e a comunicação entre professores e supervisores. O maior desafio da educação é lidar com os impedimentos, como Hernandez nos aponta:

Na atualidade, recuperar o poder na Escola implica, entre outras decisões, autorizar e dar visibilidade, sem paternalismo, às vozes dos que não têm voz. Posição que se converte em uma necessidade de não fracassar diante da burocracia e do controle que regem hoje as políticas educacionais que impedem, por exemplo, de pensar e transformar em prática uma ‘nova narrativa’ por parte dos diferentes membros da comunidade escolar (HERNANDEZ, 2007, p. 38).

Independentemente dos obstáculos burocráticos e/ou políticos que insistem em surgir diante da educação brasileira, é imprescindível os projetos de pesquisa e extensão continuarem ativos e operantes por todos os lugares possíveis. Cientes da potencialidade da arte na formação crítica do indivíduo e da necessidade desse desenvolvimento, haja vista que estamos inseridos numa sociedade que está se sufocando com a própria organização, torna-se urgente a pesquisa, a experimentação e a intervenção nos campos educacionais, por meio de projetos como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID – Artes Visuais.

Projetos que nos permitam, além de vivenciar a realidade das escolas com maior profundidade, ter recursos para pesquisas e aplicações de novas propostas que possam reduzir e, por que não, extinguir as aulas conservadoras de Artes Visuais que nada se comunicam ao tempo no qual estamos inseridos, tampouco dialogam com os anseios contemporâneos de crianças e jovens.

Se “o aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1997, p. 19), é inadmissível que as aulas de arte-educação continuem reproduzindo conhecimento, depositando informações e/ou propondo “desenho livre” neste espaço-tempo que pode, segundo Buoro (2002, p. 63) “construir leitores sensíveis e competentes para continuar se construindo, adquirindo autonomia e domínio do processo, fazendo aflorar, deste modo, ao toque do próprio olhar, uma sensibilidade de ser-estar-viver no mundo”.

A experiência obtida neste projeto me permitiu analisar e perceber pontos de muita importância para a minha formação docente. Vivenciar a realidade da escola pública e estar diante de seus obstáculos, neste início de formação docente, foi muito significativo. Em diversos momentos, causou-me revolta o conformismo das pessoas envolvidas na escola e o descaso geral de nossos representantes públicos em relação a um dos segmentos mais importantes para o avanço da nossa sociedade. Mesmo assim, a experiência adquirida me impulsiona a seguir pesquisando e elaborando novas possibilidades para a arte-educação.

É imperativa a necessidade de uma mudança de paradigmas



– não mais de “reformas” – no sistema educacional. Enquanto a Educação não for prioridade no Brasil, será preciso, e não somente no caso específico da arte-educação, enfrentar diretamente esses descasos por meio de ações de pesquisa, criatividade e novas experiências, a fim de se alcançar êxito na busca pela transformação individual e coletiva que, diariamente, têm-se mostrado em estado de calamidade.

## ***Referências***

BUORO, Anamelia. Olhos que pintam: a leitura de imagem e o ensino da arte. São Paulo: EDUC/FAPESP/Cortez, 2002.

FRANZ, Teresinha Sueli. Educação para compreensão crítica da arte. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

FREIRE, Paulo. A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LAMPERT, Jocielle. Estágio supervisionado: andariando nos caminhos das Artes Visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de, HERNANDEZ, Fernando (Orgs). A formação do professor e o Ensino das Artes Visuais. Santa Maria: Editora UFSM, p. 148-157, 2005.

PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício do professor. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros curriculares nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.